



O discutido livro «A Ilusão Americana», de Eduardo Prado, foi posto a venda no dia 4 de janeiro de 1893, tendo em seguida sido apreendido e a edição confiscada pela polícia. A Editora Brasileira Ltda. prestou bom serviço à cultura nacional publicando recentemente nova edição da mencionada obra. Pelo que se lê logo no início da obra parece que s.s. se equivocou quanto às possibilidades do café no México. Afirmava o combatido monarquista: «Foi então que no Brasil houve ingênuos que começaram a se inquietar com a grande baleia do café do México, e foi depois de ler algumas daquelas estatísticas ultra-fantásticas, que o sr. Quintino Bocualva fez propaganda republicana nuns artigos com este título: OLHEMOS PARA O MÉXICO.

Mais adiante assinala ainda com referência ao café: «O General Grant, num discurso pronunciado em 1883, numa recepção ao general mexicano Porfirio Diaz, chegou a dizer que os Estados Unidos necessitavam de três cousas somente, porque o resto tudo tinham no seu país. As três cousas eram: café, açúcar e borracha. E o general disse: SEJA COMO FOR, havemos de ter café, açúcar e borracha.

O general acentuou bem a frase SEJA COMO FOR (by anymeans), e no México esta frase foi tomada quase como uma ameaça. O problema do açúcar estava até certo ponto resolvido pela absorção das ilhas Havai, que, embora não admitidas na União americana, estão, para todos os fins práticos, como que anexadas aos Estados Unidos.

O café, julgava o General Grant que viria com o México. A borracha para tê-la, é preciso ter o Amazonas.

Referindo-se ao tratado de reciprocidade comercial, que ficará conhecido na história pelo nome de tratado Blaine-Salvador, porque os seus signatários são aquele estadista americano e o ministro brasileiro em Washington, sr. Salvador de Mendonça, observa Eduardo Prado:

«O que concederam os Estados Unidos ao Brasil por esse tratado? A isenção de direitos de importação sobre o café brasileiro e sobre alguns tipos de açúcar. Ora, o café já não pagava direitos nos Estados Unidos desde 1873. E porque naquela época suprimiram os Estados Unidos aquele imposto? Não foi para obsequiar o Brasil; foi porque assim convinha aos interesses do povo americano. A tarifa aduaneira americana é protecionista; as suas elevadas taxas não têm por fim aumentar os rendimentos do tesouro, mas simplesmente proteger as indústrias e as culturas nacionais. Os Estados Unidos têm por força de importar café, gênero que não produzem. Um imposto sobre a entrada do café viria a recair, na verdade, sobre o consumidor americano. Grande produtor de café, pelas condições geográficas e pelo seu monopólio dessa produção no ocidente, o Brasil tinha fatalmente de abastecer o mercado americano. Não é uma verdadeira burla querer fazer-nos acreditar que a isenção de direitos sobre o café brasileiro é um favor feito ao Brasil? Se os Estados Unidos voltassem de novo a impor direitos sobre o café, o Brasil nem por isso perderia o mercado americano onde não temos concorrência. Somente o consumidor americano pagaria mais caro aquela bebida que lhe é indispensável.

Na observação de Eduardo Prado naquele tempo não tínhamos concorrentes no mercado norte-americano. Hoje, além da produção «mild» colombiana, mexicana e centro-americana, temos a nos disputar a preferência do consumidor dos Estados Unidos os «Robustas» africanos. Sem desejarmos fazer trocadilho, parece que nessa luta com o «Robusta» somos os mais fracos. Cum-

pre salientar, ainda, que nos cafés «mole» não adianta anteopor o «duro».

Mais adiante assevera: «Há, porém, outro genero de noticia falsa que deve cair em cai, dentro da ação dos tribunais. E' a noticia falsa, com fins de especulação, para a qual há penalidade nas legislações de certos países. Ora estas noticias falsas para fazer subir ou descer o café nos mercados, para fazer subir a cotação dos titulos brasileiros, nem sempre são noticias contrárias ao governo do Brasil. A especulação é de uma imparcialidade provada; ás vezes anuncia os mais lisonjeiros acontecimentos, outras vezes as catastrophes as mais terribes. Em todo caso Nova Iorque é que é o ponto de concentração e de expedição destas noticias».

Esse tópico de Eduardo Prado ainda tem atualidade. As especulações ocorridas durante a gestão do ministro Osvaldo Aranha e mais recentemente, em 1958, quando ocupava esse ministério o sr. José Maria Alkmin, confirmam essa atualidade.

Mas deixemos novamente falar o escritor monarquista:

«Fala-se que os americanos são nossos grandes fregueses de café. Em primeiro lugar, é absurdo fazer-se deste fato motivo para uma gratidão sentimental. Os americanos não compram café por amizade, nem por filantropia. Compram porque querem bebê-lo.



Magníficos cafeeiros plantados em curvas de nível, com quatro anos de idade, propriedade da Fazenda Urupês, Cruzeiro D'Oeste — Norte do Paraná, do nosso consócio, dr. Edwin Benedito Montenegro.

Companhia Bandeirantes de Armazens Gerais

Capital Cr\$ 90.000.000,00

Reservas Cr\$ 70.421.331,00

ARMAZENS PROPRIOS

MATRIZ

FILIAIS

Rua do Comércio n.º 43

Lins — Marília

SANTOS

SÃO PAULO